

A CRIANÇA AMAZÔNIDA E SEUS MAPAS MENTAIS: EXPRESSÃO GRÁFICA INFANTIL EM MARABÁ

THE AMAZONIC CHILD AND HIS MENTAL MAP: GRAPHIC EXPRESSION AT MARABÁ

Alexandre da Silva dos Santos Filho 1
Paloma Noleto da Silva 2

Resumo: Parte de uma pesquisa da qual tem como objetivo central fazer uma análise das expressões gráficas dos mapas mentais da criança na Amazônia do sudeste paraense a partir de uma realidade na escola pública municipal. Nas expressões gráficas das crianças estão mostrados o que é deixado ver de seus mapas mentais daquilo que é constituído da percepção estético ambiental, deixando ser revelada sua lógica de Amazônia e do que é ser amazônida. É uma pesquisa qualitativa, mediada por observações participantes, roda de conversa, coleta e seleção de grafismo infantil e entrevista narrativa. Percebeu-se que o deixado ver dos mapas mentais não é um método. São expressões do que se sente, pensa, constrói junto com o outro e consigo, é estética, são as relações com o ambiente e o outro.

Palavras-chave: Mapas Mentais. Criança Amazônida. Estético Ambiental. Amazônia.

Abstract: Is based from a research which has a central objective to release an analysis about the graphic expression's child in the Amazon, specifically in the southeast of Pará state from the reality of a municipally public school. In the child graphic expressions are showed what isn't seen in his mental map of that built about perception of environmental aesthetics. It's a qualitative research made with participating observations, conversation wheel, collect and select of children's graphics and a narrative interview. It was realized that the let see the mental maps isn't a method. They are expressions about what is felt, thought, built together with the other and himself, is aesthetics, from the relations to the environment and the other.

Keywords: Mental Map. Amazonic Child. Environmental Aesthetics. Amazon.

Doutor em Educação com estágio na Universidade de Aveiro em Portugal. Pós-Doutor em Artes Visuais. Professor Adjunto da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7245793164008684>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5109-6669>. E-mail: alixandresantos@unifesspa.edu.br 1

Mestranda no Programa de Pós-graduação em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia – PDTSA – Unifesspa (PA). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9059520115590016>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1278-4423>. E-mail: palomanoletto@unifesspa.edu.br 2

Introdução

Os olhares estão voltados a um ambiente recheado de pluralidades, de multiplicidades como é um ambiente escolar - e este, a um público municipal de educação básica. Nele, as diversas imagens representam e trazem consigo muito além do que as paredes podem limitar. Nesses espaços as pessoas deixam à mostra o contato com o outro, o vibrar coletivo, o compartilhar desejos, emoções, o viver, o sentir junto, ou seja, é um ambiente no qual “elabora-se um modo de ser (ethos) onde o que é experimentado com outros será primordial” (MAFFESOLI, 1996, p. 12). É o que deixa exposto do interno e externo, em que os sujeitos estão em constante construção.

Neste meio é que a pesquisa é desenvolvida. No entanto, não é um estudo do meio escolar, mas com ele. As crianças participantes da pesquisa transitam e vivenciam por diferentes meios, que são constituições em seus mapas mentais. E a escola é um desses em que a criança geralmente passa boa parte do seu tempo. Assim como na família, e em outros ambientes pelos quais se mobiliza, como as ruas na hora de brincar, no caminho para a escola, que a maioria delas costuma fazer a pé.

A pesquisa tem por objeto os mapas mentais da criança amazônida urbana de Marabá. Objetiva-se fazer uma análise das expressões gráficas dos mapas mentais da criança na Amazônia do sudeste paraense a partir de uma realidade na escola pública municipal em uma turma de 4º ano do Ensino Fundamental I da Educação Básica.

As inquietações que provocaram esta pesquisa partiram inicialmente da forma em que ao perguntar o que é Amazônia e/ou onde fica a Amazônia, a criança geralmente expressa a forma natural, com floresta, animais, rios. E ainda que estando em um município que é parte da Amazônia brasileira, costuma-se dizer que é “lá na Amazônia”, como se aqui não fosse esse “lá”. É uma percepção do ambiente que não é exclusiva da criança, muitos adultos assim o concebem. Mas, era com elas e com seus mapas mentais, deixados ver em seus grafismos, que objetivava discutir sobre a Amazônia. Geralmente os estudos são sobre a criança, e não com a criança, com o que elas têm a dizer de si e das relações com o outro, do meio que é parte.

Buscou-se, com a pesquisa, comentar que o que está na mente da criança é indissociável do corpo: sentir, perceber, ouvir, falar são construídos nessa estreita relação em que um não se sobrepõe ao outro, são extremas interligações. Com isso, principalmente, Maffesoli (1996) mostra-se a ligação do ser social com a mente: não há separação. É pura construção estética em que os sentidos são do meio e o meio é o que mostra como os sujeitos sentem.

Teoria da percepção estético ambiental: o ambiente e as sensações coletivas

O ser humano, suas sensações, percepções não são explicados somente no campo biológico, pelo qual se pode até mesmo afirmar que é uma questão de genética. Como se nascesse assim, morreria assim, não tendo qualquer intervenção do social, cultural. A percepção estético-ambiental, nesse caso, traz características biológicas, internas, pessoais, e isso é muito de uma construção social.

Conceber a percepção, o estético, o ambiental só pelo físico ou biológico ignora toda uma formação que se constrói nas relações, no mundo já formado com base nas sensações coletivas. E estas não são universais, não são iguais para todos, são coletivas no sentido de diversos grupos, que buscam se identificar com o que se assemelham (ARENDRT, 2007).

A discussão-base sobre estética, que constrói as concepções sobre percepção e ambiente, firmou-se em Maffesoli (1996) que parte da complexidade do mundo contemporâneo, no qual a sensibilidade é coletiva, as sociedades são complexas e há uma diversidade de valores heterogêneos entre si, pelos quais não há como conceber uma única forma de sociedade.

Ao mesmo tempo em que há um jogo de aparências, são expostas diferentes outras concepções que se fazem marcantes na pós-modernidade. Trazer uma teoria da Percepção Estético Ambiental com contribuições referenciais como a de Maffesoli (1996)¹ fez perceber que

¹ Em nenhum momento de seu escrito definiu em conceitos fechados, estruturados qualquer umas das definições que pretendemos aqui, mas, permitiu formular tais conceitos, devido ao terreno que apresenta cada um deles.

ao mesmo tempo em que os conceitos são similares, eles são divergentes e se complementam: percepção é meio da sensibilidade, estética é a sensibilidade, e ambiente não se separa de nenhum destes. Não são redundâncias. Podem ser complexidades, mostra de sociedades pós-modernas.

Nos mapas mentais da criança, crê-se que está o que a percepção traduz sob influência do estético mobilizado do ambiental e que será exposto nas suas expressões gráficas. A lógica infantil, ao representar na forma gráfica a natureza amazônica, é da mediação do que vivencia e/ou idealiza. Essa vivência e/ou idealização é parte de um mundo “flutuante”² pós-moderno, no qual o coletivo é sobressalente ao individual. Este existe, e precisa ser visto, mas não é a única forma, tampouco é o que rege as formas de agir. Somos partes do coletivo, das constantes inter-relações com o outro e o ambiente é que nos constituímos (MAFFESOLI, 1996).

Norteados por um jogo de interesses e aparências, o coletivo é o que conduz as sociedades contemporâneas, mesmo quando se pensa em agir individualmente, é sobre o coletivo que se dá a constituição do corpo social. Assim, Maffesoli (1996, p.172) afirma “que todas as modulações do corpo em espetáculo simbolizam o corpo social”. Isto presente em uma sociedade à qual chama de complexa, configurada na pós-modernidade, que se distingue dos conceitos fechados, das visões lineares tão pregadas nas concepções de sociedades modernas ou mecânicas³, que tende a homogeneizar, a guiar-se por valores operacionais, pré-estabelecidos, incluindo todos em grupos generalizados (MAFFESOLI, 1996).

Nas sociedades complexas na pós-modernidade a individualidade é facilmente substituída por uma vida cotidiana regida pelo coletivo. O ser é aquilo que se constitui do coletivo, é o corpo social que se constitui do que se identifica, que sente em comum. É o que Maffesoli (1996) chama de socialidade, onde a memória coletiva, o sentir em comum, o cotidiano são experiências estéticas, são vivências compartilhadas, em que “formiga uma multiplicidade de valores perfeitamente heterogêneos uns aos outros” (MAFFESOLI, 1996, p. 31), em que um se constrói com o outro, em um constante modo de agir e se (re)significar seu modo de ser, de estar com o outro.

O que se entende por percepção estética se configura naquilo que, ao mesmo tempo em que a percepção é uma constituição do interno, dos sentidos do ser, torna-se indissociável do social, melhor, é também uma constituição deste. A percepção estética resulta da vivência. O ser, corpo, usa dos seus sentidos, mas é na sociedade, melhor, na socialidade que se constitui, que mostra o que é. Percebe-se aqui que, saindo da visão de que estética restringe-se a fenômenos artísticos, sensibilidade de apreciação, interpretação de uma obra, ao que é caracterizado como belo, ela com Maffesoli (1996, p.12) recebe “seu sentido pleno, [...] nada mais permanece incólume. Ela contaminou o político, a vida da empresa, a comunicação, a publicidade, o consumo, e, é claro, a vida cotidiana”, tudo é criação, é parte dessa constante (re)criação entre o que se identifica, o que compartilha com o outro, uma constante evolução em que não se configura na forma como agem, pensam, se relacionam, e em movimentos constantes, longe de linearidade.

Nessa concepção, tudo é estética, o mundo é uma organização estética e como o autor ainda diz “do quadro de vida, até à propaganda do *design* doméstico, tudo parece se tornar obra de criação, tudo pode se compreender como a expressão de uma experiência estética primeira” (MAFFESOLI, 1996, p. 12, grifo do autor). Essa criação permite ver uma sociedade pós-moderna⁴ onde a grande necessidade é do coletivo.

2 Referindo-se a não linearidade em que os diferentes grupos se mostram, onde se apresentam fora dos modelos pré-estabelecidos, mas que se formam deles, e com eles se re(configuram), re(organizam). É uma constante idas e voltas, nem sempre intencionais, mas vividas e apresentadas. Flutuam, não no sentido de que apresentam-se sem forma, ou ainda, de total instabilidade, mas de que se constrói em meio a diversos outros meios, épocas.

3 Uma ideia usada por Maffesoli (1996) ao referir-se à modernidade diante da concepção de que as pessoas deveriam – e, se organizam – a partir de modelos pré-estabelecidos, de que haviam formas únicas de ser e se organizar, que cada grupo era único em si, por exemplo.

4 Cabe destacar aqui que Maffesoli (1996) em nenhum momento busca em seus escritos designar conceitos, entre eles o de pós-modernidade ou pós-moderno. A estes (conceitos), trata-os como “noções”, até mesmo pelo fato de que fala de uma sociedade que passa por mudanças constantes. Ao trazer o pós-moderno ou pós-modernidade, diz que “Sem entrar num debate estéril sobre a própria noção, a pós-modernidade seria essa mistura orgânica

A estética poderia ser a separação entre o que é clássico (refinado) e vulgar, entre uma segregação do que é culto ou não, nas sociedades pós-modernas o coletivo é o elemento de partilha pelos interesses em comum. As sensações são esteticamente construídas nas relações. Os sentimentos partilhados, as sensações coletivas, o comunitário, nem sempre se organizam pelo viés da igualdade, mas de interesses iguais, nem sempre pela partilha, mas por comungar interesses semelhantes (BAUMAN, 2013)⁵.

Ambiente (ou meio ambiente), é comumente referido ao natural, ao meio físico, e nele o ser é um elemento à parte, independente. Como queremos estudar uma situação em que o ambiente é visto como inseparável da condição humana e/ou estritamente ligado a ela, compreendemos, ainda mais, que o ser é partícipe desse ambiente.

Essa participação é mais uma situação dialética ambiente/ser. Ambiente aqui é a visão de natureza, mas indissociável das sensações humanas. Na pesquisa, ambiente refere a natureza amazônica, meio ambiente natural, mas ideologicamente construído: visualizado por interesses nos moldes da modernidade, em que a exploração, sob um discurso de desenvolvimento é o que é dito como necessário; dito como terra sem gente, mas cheio de pessoas com diferentes culturas, diferentes vozes; Assim, o que buscou (re)significar como ambiente é o meio natural, mas nas estreitas relações sociais, em que discurso e vivências são interligados. Ainda, ambiente é uma construção social.

Para pensar o conceito de mapas mentais: as expressões gráficas na ponta do lápis

O percurso feito até o momento foi para ser pensado como significamos percepção estético-ambiental, como pensamos o “ser”, para que ao chegar ao que conceituamos com mapas mentais, eles sejam vistos simplesmente como um material de análise, um método, mas que nas expressões gráficas da criança esteja o discurso visual do que está na mente, do que o corpo “deixou ver”. Assim, temos uma dimensão social dos mapas mentais que são de um corpo que se constitui no coletivo, no viver em comum, segundo o que se identifica.

Mapas mentais nesta pesquisa fogem da concepção de diagramas e ou memogramas⁶, que auxiliam a memorização de conceitos predeterminados, para regras, por exemplo, que precisam ser aprendidas para uma determinada disciplina. A estes os temos como uma organização esquemática para “decorar” os conteúdos de uma matéria escolar e/ou para organizações diárias. Nessa concepção, de um ponto central, que é o assunto a ser estudado, por exemplo, vão sendo anotados todos os outros considerados importantes para a memorização, que servirão de estudos para “lembretes”.

Outra forma de como os mapas mentais são vistos é como mapas cognitivos pelos quais Oliveira (2006, p. 37) diz que “no seu sentido mais amplo, exerce[m] a função de tornar visíveis, pensamentos, atitudes, sentimentos, tanto sobre a realidade percebida, quanto sobre o mundo da imaginação”. São mapas mentais que visam entender alguns tipos de representa-

de elementos arcaicos e de outros um pouco mais contemporâneos” (MAFFESOLI, 1996, p. 14). As “oscilações” são constantes. E isso não quer dizer instáveis, mas em “sinergia”.

5 Destaca-se que Bauman não é nenhum defensor ou mesmo usa o termo pós-modernidade no sentido de que este é o período vivenciado como se houvesse um rompimento entre um período e outro, ou mesmo entre concepções do que vem a ser moderno ou pós-moderno, entre paradigmas. Defensor da ideia de que há uma modernidade em transformação da sua fase sólida (de vivências duradouras, ideias firmes, e mesmo objetivos concretos) à uma fase líquida (que nada dura por muito tempo), esta se explica na “sua ‘modernização’ compulsiva e obsessiva” (BAUMAN, 2013, p.11) que constitui as vivências atuais, muitas regidas pelo consumo, pelo poder de ter, e assim constitui o que vem a ser, sendo esta uma condição humana. E ainda, na modernidade para Bauman (2013) as pessoas ao mesmo tempo em que vivem e buscam os grupos, são responsáveis, em sua individualidade, por si.

6 Mapas mentais nesse sentido são uma espécie de esquemas gráficos utilizando de formas geométricas, setas e textos explicativos (geralmente nos diagramas), de cores ou desenhos (geralmente nos memogramas), de onde partem de uma palavra específica do conteúdo e, dela, viram outras que serão interligadas e relacionadas ao assunto estudado, servindo para organização e memorização. São chamados de mapas mentais por se referirem a conteúdos que se supõe ficarem guardados na mente (memória) e são ferramentas pedagógicas. O termo mapas mentais nesse sentido foi usado e difundido por Tony Buzan, que acreditava que deveria ser na forma de neurônios “para estimular o cérebro a trabalhar com maior rapidez e eficiência” (KRAISIG; BRAIBANTE, 2017, p. 73).

ções internas corporais. Até mesmo o que a pessoa não é capaz de expressar na fala, expressa através de um desenho. Trata-se de um método de análise, de investigação e, até de dedução de sentimentos – de traumas a alegrias – muito usado no campo da psicologia, no campo das ciências cognitivas.

Nenhuma das designações citadas deixa de ser constituição de mapas mentais, pois é o que está na mente, o que foi constituído do ser no social. No entanto, os mapas mentais não são findados em esquemas gráficos, muito menos em mapas cognitivos, em que o desenho é apenas uma forma de método ou mesmo para uma análise direta e individual.

Quando a criança amazônida urbana de Marabá, por exemplo, expressa graficamente com cores, traços leves ou fortes, ondulados, retos, circulares; quando deixa colorido ou em preto e branco; quando desenha, esse desenho é o que é deixado ver do mapa mental que se constitui na inter-relação, do ser-vivência, na internalização de um ser sociocultural, histórico e vivente de contexto territorial em constante mobilidade, são meios que permitem deixar ver o que se quer, até mesmo para um momento específico⁷.

São meios que não precisam de uma alta organização estrutural, tampouco que os que os representem dominem a leitura e escrita, por exemplo, para expressar, além da escrita e ou da fala, aquilo que percebem. É uma organização de ideias, que não precisam ser postas no papel através da escrita, propriamente, mas da expressão gráfica do fazedor daquilo que considera essencial a ser mostrado.

A expressão gráfica que a criança nos deixa ver no papel, com lápis e/ou pincéis, com tinta ou canetinhas, é a extremidade do que é constituído na mente, dos mapas mentais, do ser social, múltiplo, plural que se faz nas relações com o outro, na significativa alteridade. E aquilo que nos é permitido ver, é o que é pensado, construído e que passa por constante construção e materialização.

Eles, mapas mentais, não são somente as expressões do externo, tampouco somente do interno. Ou ainda, uma relação de domínio de um sobre o outro onde ora pode ser analisado pelas interferências do interno ora do externo. Não há dualidade. Há dialética. É pura sinergia. Os mapas mentais oferecem momentos em que é possível ver o que se deixa ver.

Os mapas mentais estão nas expressões gráficas das crianças nas quais sua percepção estético-ambiental é simbolizada sob o que idealizam, vivenciam experimentam, sentem, podendo nos relevar, na pesquisa, um modo de expressão do sentimento da existência da Amazônia e do que é um ser amazônida. E essa é a (re)significação de que quando a criança deixa expressos suas impressões, seus conhecimentos, suas percepções, as expressões gráficas dos seus mapas mentais simbolizam a realidade, mesmo não sendo ela propriamente dita. Mas é tudo formado no sentir em comum, no estar-junto, no identificar-se no grupo.

A Amazônia em Marabá

Marabá é parte do bioma amazônico e fica no sudeste do estado do Pará, no norte do Brasil. O município, segundo dados do IBGE (2018)⁸ tem uma área de 15.128,058 km², com uma população conforme o último censo (2010) de 233.669 habitantes, sendo o quarto município mais populoso do estado do Pará⁹, com 79,7% da população vivendo na área urbana, mesmo esta não correspondendo à maior parte territorial do município como representado na Figura 1, a seguir.

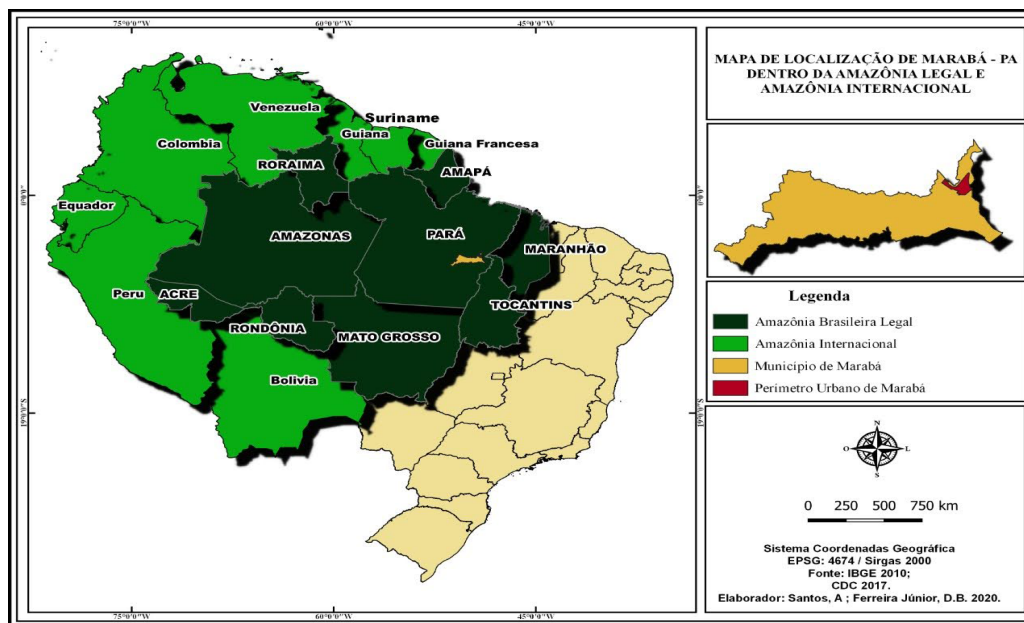
Na Figura 1, temos cartograficamente a Amazônia, tanto a internacional como a Amazônia Legal, e o município de Marabá, em que destacamos sua área urbana, trazendo uma forma de visibilidade da região, e ainda por ser local em que as crianças amazônidas da pesquisa fisicamente constroem seus mapas mentais:

⁷ Isso porque não podemos determinar a verdade do que foi representado, primeiro por ser uma simbologia da verdade, e depois porque a criança, já que é um ser já significado nesta pesquisa, pode mudar sua percepção a partir das inter-relações logo em seguida ao feito.

⁸ Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/maraba/panorama>. Acesso em: 19 jun. 2020.

⁹ Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/maraba/panorama>. Acesso em: 19 jun. 2020.

Figura 1. Mapa de localização de Marabá – PA dentro da Amazônia Legal e Amazônia Internacional



Fonte: Elaborado para esta dissertação por Andreana dos Santos e Dionel Barbosa Ferreira Junior (2020).

A área urbana do município de Marabá gradativamente vem crescendo, tendo o fluxo migratório como um dos principais fatores, e este desde o início da história do município foi uma das maiores características que vão desde a migração sazonal, em que os migrantes ficavam no período das safras, até as moradias fixas, onde o comércio no município se intensifica, e as pessoas passam a se instalar na localidade, geralmente próximas aos rios. Estes, que são os rios Tocantins e Itacaiúnas, eram os meios de escoamento de produtos extraídos na região (VELHO, 2009).

Aqui, cabe destacar que a região de Marabá, que geralmente tem sua história inicial representada pelo desbravamento de povos brancos sobre a região, era habitada por povos indígenas de diferentes grupos, os quais, com o avanço da extração dos recursos naturais¹⁰, com a exploração das terras, e até mesmo com o sistema de escravidão, foram dizimados. Os que sobreviviam buscavam se afastar cada vez mais das áreas exploradas.

Novos grupos entram em cena a partir de novos interesses pela região, e Marabá que já se destacava pela atividade extrativa, pelas dinâmicas nas redes fluviais, passa não apenas a ser um dos locais de crescimento da agricultura e pecuária, como centro urbano que se organiza alicerçada nas rodovias, e se destaca tanto no setor de serviços como de comércio, mas tem a mineração e siderúrgicas como base das propostas do governo federal de desenvolvimento e integração da região, e nisso se (re)configura a Amazônia em Marabá (ALMEIDA, 2016).

São diversos os modos que organizam o estético ambiental da Amazônia, e isso se dá sob diferentes povos: os que aqui estavam, os que aqui chegaram. A Amazônia em Marabá é esse campo de diferentes visões, diversas vozes que emergem de um sistema de ocupação, que ao longo do tempo vem descaracterizando suas terras, seus povos, mas que também se ressignifica, se estetiza, (re)configura, nessas novas interações. É território de multiplicidade, de heterogeneidade socioespacial, cultural, em povos, conhecimentos, e que não cabe ser vista a partir de um único olhar (MAFFESOLI, 1996).

Nesta (re)configuração de Amazônia em Marabá, dizer ser, estar, pertencer a uma re-

¹⁰ Entendemos a conceitualização universalizada desse termo de dominação na qual os elementos naturais devem estar à disposição do ser humano. Vistos e conceituados como recursos naturais, os mesmos, apenas “são bens que estão à disposição do Homem e que são usados para a sua sobrevivência, bem-estar e conforto”. Disponível em: <https://www.significados.com.br/recursos-naturais/>. Acesso em: 10 jan. 2019.

gião amazônica, não se caracteriza em estar em meio à floresta propriamente, como muitos imaginam que todas as pessoas da Amazônia vivem, mas em um território de floresta que vem passando por mudanças significativas, e que não deixa de ser Amazônia; que é vivenciado de diferentes formas.

A criança amazônica de Marabá

A visão de Amazônia e seus povos como típicos de algo natural impede, dentre outros, perceber a diversidade sociocultural da região. O destaque pela sua parte física, como uma imensa floresta, e está de uma mesma forma, não representa o que realmente é vivenciado nos diferentes ambientes amazônicos, pela diversidade de povos, costumes, conhecimentos, culturas.

A Amazônia, frisamos, é comumente vista/dita/apresentada como floresta e seus povos, quando aparecem, são caracterizados, a partir de um estereótipo, como sendo compostos por uma única etnia, no caso indígena, e todos fazendo parte do mesmo grupo, das mesmas falas, dos mesmos costumes. E mesmo estando em uma região amazônica, ela, Amazônia, sempre parece estar distante. Geralmente o “lá na Amazônia”, destacando a natureza, com bichos, rios e florestas, é mais frequente por crianças, e muitos adultos, do que o “aqui na Amazônia” vivemos. Gondim (2007, p. 97) diz que:

[...] os séculos podem variar e os cronistas serem originários das mais diferentes nacionalidades, no entanto, diante do rio e da mata amazônicas, quase genericamente, nenhum se isentou de externalizar sentimentos que variavam do primitivo pré-edênico ao infernismo primordial. Ainda que familiarizados com a região ou mantendo o tom frio e distanciado do pesquisador, esse objeto móvel, essa natureza grandiosamente avassaladora, em algum momento fez com que esses homens parassem e a escutassem, e a sentissem, muitas vezes deixando para trás olhares já estruturados, visões já vividas, para pousarem os olhos renascidos a contemplação extasiada da grandiloquência natural.

É como se não houvesse outra forma de ver, e ainda, como se somente esses elementos bastassem. É um imaginário do local passado como único na qual a “natureza grandiosamente avassaladora” torna-se a essência da Amazônia, ora sendo exaltada, ora ofuscada conforme os interesses. Escondendo a diversidade, a pluralidade amazônica em terras, vegetais, animais, mas também em gente, povos, onde “a Amazônia está longe de ser uma unidade homogênea” (PIZARRO, 2012, p. 25), pois é diversificada tanto socioculturalmente quanto na política, na economia, na história dos povos.

Na história dos povos nem todos têm suas “raízes no ambiente original da floresta, e os que têm, passaram por significativas mudanças, que nem sempre é possível vê-las com tantas ligações com ela, floresta, como os povos nativos são” (HÉBETTE; MOREIRA; LEITÃO, 2004, p. 284). De povos que (re)constróem suas histórias e vivências constantemente, e estas nem sempre espaciais, mas de diferentes inter-relações, do que se identificam do lugar em que estão e são parte.

E a criança é parte disso. Sob nenhuma forma ela é desconectada da família. Famílias que por diversos motivos migraram para a região – cabendo-nos frisar -, que trazem consigo diferenças

[...] nos aspectos econômicos, tecnológicos, sociais e culturais; cada um deles tem sua cultura típica, seus valores, seus projetos construídos na tradição de gerações sucessivas, ainda buscando sua nova identidade social e cultural; sua própria

cultura religiosa é muito diferenciada, o que se traduz em comportamentos étnico-religiosos e inserção na estrutura da instituição religiosa diferenciados (HÉBETTE; MOREIRA; LEITÃO, 2004, p. 284).

Família, ainda, que migra dentro da própria região, que deixa visível a diversidade de conceitos sobre a localidade, sobre si, sobre os interesses. Famílias que podem deixar marcantes nos seus a ideia que têm da região em que estão e/ou são. E a criança amazônida é dessa vivência, é desse pertencimento. A criança amazônida urbana de Marabá é de uma multiplicidade visível, que significa sua percepção do estético ambiental do qual é parte e construção.

E sob esse estético ambiental a criança amazônida, com sua capacidade criadora de estar e ser, da forma como se relaciona com o outro, em ouvir, falar, sentir, interagir, compartilhar, expressa graficamente o que seus mapas mentais deixam ver da Amazônia vivenciada, idealizada, compartilhada com o outro. E ainda, a imagem universalizada, que não parte dela, mas que pode ser resultado dessas diversas instituições nas quais transita (LOWENFELD; BRITAIN, 1970).

Isso não significa que a criança amazônida urbana de Marabá, participante da pesquisa, a partir dos momentos que vivenciou nos encontros tenha total reconhecimento de si e do meio, do que apreende e compartilha com o outro. Seria ilusório, e como já dito, nossa proposta não era de intervenção buscando mudanças de comportamento, por exemplo. Mas, significa que as crianças amazônidas urbanas de Marabá, participantes da pesquisa, mostraram que o que é constituído internamente é de uma constante relação dialógica, que o exteriorizado é das múltiplas inter-relações, do construído no coletivo, da multiplicidade cultural de que são parte; que são do constante movimento social, histórico de cada uma das crianças, de suas vivências reais, nos seus diferentes meios em que transita.

A criança amazônida de Marabá revela a Amazônia

No começo da pesquisa, participavam 21 crianças, mas terminamos os nossos encontros com 17 participantes. Uma delas voltou para Belém¹¹, já que o pai foi transferido no emprego, duas não retornaram no segundo semestre, e sabe-se que foram embora de Marabá, mas não foi dito para onde. Outra foi transferida de escola, mas sobre isso não foram apresentadas justificativas claras.

As expressões gráficas das crianças foram pedidas em dois momentos: uma em nosso primeiro encontro, outra em um dos últimos encontros. Estes com roda de conversa antes, com discussões partindo das perguntas sobre a Amazônia. As primeiras expressões gráficas das crianças, no geral, expressaram a Amazônia como um ambiente natural, vasto, composto por diferentes espécies de animais ou de vegetais, águas, solo e sem presença humana.

Trata-se da mesma Amazônia que pode estar nas mídias, em muitos livros didáticos, na oralidade, mas como um lugar distante, e que para ser o que é o ser humano dela não faz parte. Apenas uma das crianças nesse primeiro momento, N.¹², expressou um objeto construído por humanos (Figura 2).

11 Capital do estado do Pará.

12 Cabe destacar que foram usadas apenas as iniciais dos nomes das crianças e não seus nomes completos. E isso foi explicado às crianças, sendo-lhes dito que mesmo tendo fotos delas no meu trabalho, não seriam identificadas pelo próprio nome. Ainda foi pedido que cada criança também fizesse o mesmo quando fosse entregar alguma de suas expressões gráficas. Ressalto ainda que durante toda a dissertação não se usa o termo ele ou ela, se referindo às crianças não por negar e/ou ocultar que criança tem gênero, por exemplo, por destacar a ideia de pureza, de ser assexuado, mas sim, para evitar qualquer generalização ou caracterização de que meninos e meninas se expressam de forma diferenciada em suas expressões gráficas, e mais ainda, na constituição de seus mapas mentais.

Figura 2. Expressão gráfica: “O barco”



Fonte: Expressão gráfica produzida por N., 10 anos, em abr. 2019.

No entanto, o representou sem qualquer pessoa perto. É como se estivesse à deriva. Perguntada sobre o que fez, passou a descrever cada um dos elementos, e concluiu dizendo que é a Amazônia. Com isso, vê-se que o discurso ideológico articulado e de um ponto específico é propagado sobre a Amazônia em que a imagem dela transmitida é da forma como entendem ser sua natureza e que não é propriamente a Amazônia (PIZARRO, 2012).

A criança quando expressa, frisamos, a Amazônia, não é algo que inventou do nada. Muito é de uma ideia enraizada, que não vem dela, mas do que idealiza, que parte de algo que é propagado, de uma ideia e ou até mesmo do que é omitido de falar. Segundo Gonçalves (2012, [s.p.], grifo do autor):

Amazônia é vista por muitos como sendo a “última fronteira”, onde ainda parece existir uma natureza intocada. É como se ela fosse o reino de uma natureza virgem, sem cultura. Onde ainda existiria uma espécie de “bom selvagem”, que não teria cometido o pecado original da civilização.

A criança amazônica urbana de Marabá é parte desse discurso, por estar envolta nele, ou por ser o que vivencia. Considera tudo muito bonito, em que para ser Amazônia, tem que ser o natural e este basicamente intocado. Nisso, inclui vegetação e animais, que podem ser presentes em sua realidade. Na figura 2, N. não representa um animal selvagem presente em muitas das expressões gráficas das crianças relativos à Amazônia, como onças, macacos. Mas, sim, os que são típicos de comidas da região, como o pato que é servido no tucupi¹³ - e que ela diz que são os bichos amarelos.

Nessa expressão, a criança mostra que só o fato de ser um animal, e talvez, o que tem mais facilidade para ela representar, já basta para expressar a Amazônia natural, em perfeita harmonia de seu mapa mental. Mas, por outro lado, também, a variedade animal amazônica. Não há como afirmar que estivesse se referindo exclusivamente aos patos selvagens amazônicos ou que se trata dos patos domesticados e servidos como comida da região, pois em nenhum momento é falado sobre isso. Mas, mostra que a constituição dos mapas mentais é

13 É um prato servido na região, principalmente em festividades, em que o pato cozido é servido com tucupi, que é um sumo amarelado retirado da mandioca, muito utilizado na região amazônica.

múltipla, diversificada, é das diferentes inter-relações.

Desde os nossos primeiros momentos juntos, as crianças disseram que na Amazônia as pessoas que nela viviam eram somente os indígenas. E o índio era idealizado nos diferentes discursos propagados - pelas mídias, livros, demais pessoas. Quando mostramos pela primeira vez uma fotografia¹⁴ de uma aldeia indígena (em que também aparece em destaque a floresta), houve controvérsia sobre ser ou não Amazônia, e a discussão na roda de conversa ficou em um embate, já que não era admitido por algumas crianças amazônidas que indígenas amazônicos possam viver em casas de tijolos, ou mesmo ter carro.

Nesse momento da discussão, nos fez lembrar de Martins (1993) e o sentimento de pobreza, de incapacidade, de sentir-se descolado em uma sociedade que devido às diferenças de cor, aos costumes, às línguas – e que sabemos que vão bem além de tudo isso, são relações de poder, de domínio – animalizam outras pessoas e, no caso, o indígena. Isso é facilmente expresso pela criança. E elas, em momentos de expor, mostram sem rodeios que somos parte desses discursos de homogeneidade em que o índio deve ser conforme um estereótipo.

E por isso, mais uma vez, a necessidade desses momentos de discussões, que podem ser tentativas de transcender essa nossa formação elencada em diversas impregnações de inferiorização de povos, de culturas, de imagens. Isso é o que deixam ver alguns dos mapas mentais da criança amazônida urbana de Marabá em que a Amazônia é habitada somente por povos indígenas.

Algumas delas expressaram na forma gráfica¹⁵, como M., na Figura 3, em que diz que o que fez foi a Amazônia: “[...] eu desenhei as árvores, as montanhas e uma aldeia de índios [...] e aqui é um rio correndo na correnteza muito forte, e fiz assim [...] uma parte que tá alagada”.

A harmonia é visível, mesmo falando que há alagamentos. Mas, em meio à floresta, para a criança é natural e não se torna problema, como muitos vivenciam na área urbana. Um detalhe observado na Figura 3 a seguir, é que M. representa as casas indígenas como se fossem de tijolos – como o representado na fotografia e que foi motivo de desacordos nas discussões nas rodas de conversa:

Figura 3. Expressão gráfica: “Aldeia”



Fonte: Expressão gráfica produzida por M., 10 anos, em dez. 2019.

¹⁴ Tínhamos um conjunto de fotografias que representavam diferentes ambientes da Amazônia, onde era perguntado às crianças se acreditavam que a imagem era ou não a Amazônia.

¹⁵ Isso no segundo momento em que pedidos que expressassem graficamente a Amazônia.

As casas indígenas estão na forma circular, próximas ao rio, há montanhas, árvores, pessoas, sol, ventos. Não aparece nenhum animal selvagem. Fica parecendo que para trazer ao que consideram ser normal (casas de tijolos), os animais não podem aparecer. Parece, ainda, que há uma mudança de concepção em que é possível indígenas habitarem em casas de tijolos e continuarem sendo indígenas. Cabe destacar que é uma questão que precisaria de mais tempo para discussões com as crianças.

O que fica para o momento é que entre o que fala e o que expressa graficamente, é possível que a criança tenha concebido que não é o tipo de casa que diz ser ou não indígena. É visível, também, que muitos elementos na expressão gráfica de M. é uma junção da discussão gerada entre as crianças a partir de uma das fotografias que representava uma aldeia indígena da região paraense e o que esta criança idealiza de uma aldeia, com alguns elementos como estradas ligando as casas, que não costumam ser parte de uma Terra Indígena (T.I), mas sim, de boa parte da área rural da região.

As formas das crianças falarem e expressarem a Amazônia sempre foram como “lá na Amazônia”. Por mais que nos últimos momentos dos encontros dissessem que “aqui é Amazônia”, que “Marabá está na Amazônia”, o “eles lá na Amazônia” se referindo aos indígenas é segundo o que se tem concebido, é o que fica expresso com maior intensidade, é o que é mostrado dos seus mapas mentais.

A criança amazônica urbana de Marabá revela a Amazônia que constitui das suas múltiplas relações com seus pares, com outros adultos. A Amazônia da criança amazônica é também a que está nos livros didáticos, nas mídias, no que a irmã diz ou do tio que leva para ver um jogo de futebol em uma terra indígena. É a Amazônia natural, que expressam em perfeita harmonia com os animais, e salvo algumas vezes, com os povos indígenas. E também, é das omissões, do que se deixa de falar, de oportunizar às discussões, reflexões.

Conclusão

O estudo reforça a convicção de que ao ter a criança (e nesse caso a criança amazônica urbana de Marabá) como participante de pesquisa é preciso pensar, também, sobre a formação social e o processo de migração, os quais ainda ocorrem, e a criança vivencia, e ainda os que os pais vivenciaram, sendo trazidos para Marabá, pois são formas que modulam a percepção estético-ambiental da criança sobre a Amazônia, e está em seus mapas mentais.

Ter a criança e seus mapas mentais no estudo impulsionou a pensar e buscar respostas diante das concepções de interdisciplinaridade, apoiando-se a outras ciências para verdadeiras trocas de conhecimento, pois era preciso entender que os mapas mentais iriam além do que estava expresso graficamente pela criança, e estes, por sua vez, não se resumem em expressões gráficas: são expressões sociais, físicas, biológicas, históricas, políticas, e o que se sente e constrói.

O que está expresso graficamente não são realidades propriamente ditas, mas são o que a mente, o que seu mapa mental deixou ver. E conceber noções¹⁶ interdisciplinares, mostra a necessidade de buscar em diferentes campos, para compreensão dos mapas mentais de forma mais ampla, até mesmo, ao que vimos como sua totalidade, que vai além do que está representado no papel, e do que está na mente.

As imagens que emergiram de Amazônia dos mapas mentais das crianças nas falas e expressões gráficas foram: de natureza intocada, com rios, animais, árvores, basicamente sem interferência humana; de natureza em que os únicos habitantes são os povos indígenas, e estes, nos estereótipos perpetuados de que só podem morar em ocas de palha e barro, que as vestimentas são de penas, cordas e folhas; de que os povos indígenas que vivem “lá na Amazônia” são os que protegem as florestas, mas não podem ter carro, usar roupas as quais dizem ser de pessoas normais; de que a Amazônia é homogênea, sendo um vasto e distante lugar

¹⁶ Digo noções, pois não é possível assegurar, que os conhecimentos e ações interdisciplinares estão por total construídos, e mais ainda, constituídos na pesquisa. Os primeiros passos foram dados, mas, muito mais é preciso para o agir e a concepção de interdisciplinaridade.

harmonioso; e, que à medida que perde a parte de floresta deixa de ser Amazônia.

Sabe-se, e foram pontos de discussão ao longo desse estudo, que essas imagens não são propriamente da criança. São imagens inventadas, e que perduram, mesmo diante de realidades completamente diferentes. E ainda, é importante destacar que o estudo foi realizado com a participação de um único grupo de crianças de um mesmo ambiente escolar, e que isso não remete a um padrão, nem mesmo assegura que os resultados conseguidos seriam os mesmos com todas as crianças da região urbana de Marabá.

Ao concluir, percebe-se que a criança e o seus mapas mentais mostraram na pesquisa que pensar no todo também é pensar no individual, assim como nos múltiplos grupos, nas plurais e complexas realidades; que a Amazônia revelada é também aquela que é deixada de falar, que fica nas entrelinhas, ou mesmo, é resultado de uma imagem repassada; que as crianças, principalmente no ambiente escolar, deveria sempre ter momentos para discussões, exposição de ideias, para que se (re)construíssem outras que se tentasse superar preconceitos, as formas de inferiorização, os estereótipos dos diferentes povos, como os povos indígenas, o negro, o camponês, o ribeirinho, o sem-terra, a mulher, o pobre, a Amazônia.

Referências

ALMEIDA, J. J. Políticas públicas e comunidades da Amazônia: o caso da Velha Marabá (1970-2000). **URBANA: Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade**, v. 8, n. 2, p. 44-59, 11 dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/urbana/article/view/8643591>. Acesso em: 10 jan. 2020.

ARENDRT, H. **A condição humana**. 10. ed. Tradução de Roberto Raposo, posfácio de Celso Lafer. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

BAUMAN, Z. **A cultura no mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2013.

GONÇALVES, C. W. P. **Amazônia, Amazônias**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2012. (E-book).

GONDIM, N. **A Invenção da Amazônia**. 2. ed. Manaus: Valer, 2007.

HÉBETTE, J.; MOREIRA, E. S.; LEITÃO, W. M. Uso e abuso no trato dos recursos naturais em áreas da Amazônia Oriental: história e atualidade. In: HÉBETTE, J. **Cruzando a Fronteira: 30 anos de estudo do campesinato na Amazônia**. v. III. Belém: EDUFPA, 2004. p. 273-285.

KRAISIG, Â. R.; BRAIBANTE, M. E. F. Mapas Mentais: Instrumento para a construção do conhecimento científico relacionado à temática “cores”. **South American Journal of Basic Education, Technical And Technological**, [S.l.], v. 4, n. 2, p. 70-83, 2007. ISSN: 2446-4821. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/SAJEBTT/article/view/1273/944>. Acesso em: 19 out. 2018.

LOWENFELD, V.; BRITAIN, W. L. **Desenvolvimento da capacidade criadora**. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

MAFFESOLI, M. **No fundo das aparências**. Tradução de Bertha Halpern Gurovitz. Petrópolis: Vozes, 1996.

MARTINS, J. de S. **A chegada do Estranho**. São Paulo: Hucitec, 1993.

OLIVEIRA, N. A. da S. A educação ambiental e a percepção fenomenológica, através de mapas mentais. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. 16, p. 32-46, jan./jun. 2006.

PIZARRO, A. **Amazônia: as vozes do rio: imaginário e modernização**. Tradução Rômulo Monte

Alto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

Recebido em 21 de janeiro de 2021.
Aceito em 12 de fevereiro de 2021.